

**Cardoso, M. (2015). *Yvone Kane*. Moçambique, Portugal,
Brasil: Filmes do Tejo & MPC Filmes.¹**
Ana Cristina Pereira

Margarida Cardoso nasceu em Portugal e passou a infância em Moçambique onde o pai, militar da força aérea, esteve destacado desde 1966. Cresceu durante a guerra colonial, rodeada de silêncio sobre este e outros assuntos, como a existência de livros proibidos, ou o desaparecimento de pessoas. Quando voltou a Portugal deparou-se novamente com silêncios: sobre a nostalgia do império, a defesa do colonialismo, a permanência de Portugal em África e a guerra colonial. A obra desta autora é marcada pela necessidade de dar um corpo discursivo ao silêncio relativo a esse período da sua infância e juventude e pelo desejo de “guardar e reconstituir um tempo à beira do fim”². *Yvone Kane*, a segunda longa-metragem de ficção de Margarida Cardoso (depois de *Costa dos Murmúrios* de 2004), é uma coprodução entre Portugal e o Brasil, que estreou em fevereiro de 2014, foi rodada em Portugal e Moçambique e conta com a participação de atores portugueses, brasileiros e moçambicanos.

Depois de um acidente, que se percebe como um grave trauma familiar, Rita (Beatriz Batarda) empreende uma viagem ao país onde passou a infância; uma geografia marcada por guerras e histórias silenciadas dos que lá ficaram. Este lugar em África nunca é nomeado, e, assim, o continente aparece como um todo indivisível, um território quase mítico, marcado pela guerra e pela destruição. Os espaços do filme são aliás

¹ Esta recensão está inserida numa investigação de doutoramento em Estudos Culturais, cujo tema é “Alteridade e Identidade no cinema pós-colonial em Portugal e em Moçambique”, financiada pela Fundação da Ciência e Tecnologia, no domínio das Ciências da Comunicação, com a referência SFRH/BD/110044/2015.

² Marta Lança (2015). “Entrevista a Margarida Cardoso, a partir de *Yvone Kane*”, *Rede Angola*. 5 de março. Consultado em: <http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/entrevista-a-margarida-cardoso-a-partir-de-yvone-kane>.



muitas vezes (no interior e no exterior) filmados através do vidro de um carro ou de uma janela, como se não se pudessem ver bem, como se uma verdadeira aproximação fosse impossível. Margarida Cardoso filma o que separa, o que não permite aproximação, filma as fronteiras.

Rita vai a um país em África descobrir a verdade sobre a morte de Yvone Kane, antiga guerrilheira e membro do partido político que depois da independência tomou o poder. Encontra a mãe, que foi militante política e amiga de Yvone Kane. O filme fala de pessoas que tentam aproximar-se, mas os encontros são mostrados através de sobreposições de reflexos em vidros, ou espelhos, sugerindo uma ideia de isolamento emocional. Margarida Cardoso “filma a distância num só enquadramento, que encontra o afastamento na união, que no fundo percebe o cinema como o espaço de congregação dos múltiplos ‘reais’ e os faz confluír”³.

Sara (Irene Ravache) debate-se com um cancro nos pulmões, com fantasmas de um passado de traições e um presente de ilusões desfeitas. Diz: “sinto-me rejeitada pelo poder, não pelas pessoas”, mas a possibilidade de um encontro entre brancos e negros está reduzida a ruínas que afastam o passado esperançoso do presente frustrado. As relações de Sara com Jaime (Herman Jeusse), filho adotivo, com a Madre Superiora (Francilia Jonaze), companheira de trabalho, ou mesmo com Gabriel (Samuel Malumbe), chofer e amigo, parecem resumir-se a uma sucessão de tentativas frustradas de harmonização. Deste modo, nas cenas protagonizadas por Sara, as sobreposições especulares desaparecem para darem lugar a um regime de campo/contra campo, que sublinha a impossibilidade de uma aproximação, ainda que só no ecrã.

Durante a investigação, Rita é confrontada com a vontade de silêncio de vários homens: “se a sua intenção é fazer justiça com qualquer coisa que seja, desista e cale-se, deixe a vida continuar em frente e em paz”, diz-lhe Eduardo (Mário Mabjaia). As mulheres parecem mais interessadas em falar: Sara, a mãe doente de Rita, a bibliotecária branca lésbica, a guarda do museu ex. combatente, parecem dizer tudo o que sabem e nunca reclamam silêncio: “Paz não é silêncio”. No filme, o poder foi tomado por homens, eles são por isso os donos da verdade oficial, essa verdade não satisfaz todos e apaga a presença das mulheres na construção da história.

Yvone Kane é atravessado pelas ideias de arquivo e de memória, enquanto dispositivo e espaço de construção. A investigação de Rita, como a de Margarida Cardoso, é feita em boa medida nos arquivos dos museus, fílmicos e fotográficos, que estão muito presentes no filme. Esta investigação vai dando conta, paradoxalmente, do que não se

³ Lisboa, R. V. (2015). *Yvone Kane* (2014) de Margarida Cardoso. À pala de Walsh. 25 fevereiro. Consultado em: <http://www.apaladewalsh.com/2015/02/yvone-kane-2014-de-margarida-cardoso/>.

pode dizer, por exemplo a verdade última sobre a morte de Yvone Kane; as ausências que são várias - a própria Yvone Kane, o irmão português de Rita e a filha Alice; e a impossibilidade de justificar, explicar, e menos ainda compreender o colonialismo e as suas consequências, nas relações entre as pessoas de hoje.

Como de alguma forma já foi dito, o filme parece querer refletir uma impossibilidade de comunicação, de encontro entre as personagens da história contada, mas também, entre brancos e negros, mulheres e homens, europeus e africanos e gerações; esta incomunicabilidade é dita em palavras (ou pela falta delas) e sublinhada em imagens. Não há nada a fazer: não adianta tentar remediar o irremediável, justificar o injustificável e no entanto, *Yvone Kane* parece também querer dizer que todos, como Sara, fizeram o seu melhor.

Ana Cristina Pereira é bolseira da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e doutoranda em Estudos Culturais no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho (CECS/UM). A sua pesquisa tem como tema a identidade e a alteridade no cinema (pós)colonial em Portugal e Moçambique. É ainda mestre em Ciências da Educação pela Universidade de Aveiro e licenciada em Teatro pela Escola de Teatro e Cinema de Lisboa e pela Escola de Música e Artes do Espetáculo do Porto. Bolseira FCT em regime misto.

✉ kitty.furtado@gmail.com